

Percepção dos futuros enfermeiros em relação à Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e sua futura atuação profissional na perspectiva de atendimento aos pacientes com surdez

Perception of future nurses in relation to the Brazilian Sign Language - LIBRAS and their future professional performance in the perspective of assisting patients with deafness

Amanda Cordeiro Lima*
Cesar Gomes de Freitas**
Cristina Lavoyer Escudeiro***
Cristina Maria Carvalho Delou****
Helena Carla Castro*****

Resumo

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS é um instrumento de comunicação importante na vida do surdo e de especial relevância quando se trata de usufruir seus direitos como cidadão, em especial, o acesso à saúde. Apesar da importância, a LIBRAS ainda não faz parte da formação do profissional da área de saúde de forma que seja garantido nível de fluência necessária para essa comunicação. Como a extensa maioria dos profissionais de saúde, por não ter fluência ou mesmo conhecer libras, os profissionais de enfermagem usam como estratégia de comunicação: a) gestos, o que dificulta o processo de assistência e socorro imediato; e/ou b) conversa com um familiar ou acompanhante, o que contraria a pauta ética quanto ao sigilo inerente a todo ser humano. O atendimento médico à pessoa surda acaba por tornar-se um desafio, tanto para o profissional de saúde quanto para o próprio surdo, uma vez que o uso de linguagem verbal não existe e precisa ser substituído por outro mecanismo de comunicação. Além disso, a LIBRAS não apresenta diversos sinais na área médica, fazendo com que, mesmo com a presença de um intérprete ou familiar fluente nessa língua, parte da mensagem não seja decodificada a contento, o que resulta em consequências negativas no atendimento dessa população. A proposta deste estudo pauta-se na investigação da percepção dos futuros enfermeiros em relação ao conhecimento e uso da LIBRAS em sua futura profissão. Ainda que existindo uma lei sancionada que orienta a inclusão de libras em alguns cursos, inclusive no curso participante do estudo, os dados obtidos neste trabalho permitem observar a reflexão dos alunos sobre as

* Mestre em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense; Pesquisadora no LABiEMol do Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense, Brasil; E-mail: alima.amanda@gmail.com

** Doutor em Ensino em Biociências e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz, Brasil; Docente no Instituto Federal do Paraná, campus Assis Chateaubriand, Brasil; E-mail: cesar.freitas@ifpr.edu.br

*** Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil; Docente da Escola de Enfermagem na Universidade Federal Fluminense, Brasil; E-mail: cristinaescudeiro@gmail.com

**** Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil; Docente na Universidade Federal Fluminense, Brasil; E-mail: cristinadelou@id.uff.br

***** Doutora em Química Biológica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil; Docente da Universidade Federal Fluminense, Brasil; E-mail: hcastrorangel@yahoo.com.br

dificuldades enfrentadas no ambiente profissional do enfermeiro no atendimento do surdo, especialmente quanto às informações prestadas pelo paciente e o entendimento por parte do profissional. Este estudo estimulou a identificação de problemas na comunicação entre o enfermeiro e o paciente surdo pelos alunos de enfermagem, apontando ainda para a necessidade da elaboração de novas diretrizes curriculares essenciais à formação do enfermeiro, do ponto de vista da inclusão social e melhoria da assistência na perspectiva da surdez.

Palavras-chaves: Surdez. Enfermagem. Atendimento médico. Saúde. Comunicação.

Abstract

The Brazilian Sign Language - LIBRAS is an important communication tool in the life of the deaf and of special relevance when it comes to enjoying their rights as a citizen, especially access to health. Despite the importance, LIBRAS is not yet part of the education of health professionals so that the necessary fluency level for this communication is guaranteed. Like the vast majority of health professionals, because they are not fluent or even know pounds, nursing professionals use as communication strategy: a) gestures, which hinders the process of immediate assistance and help, and / or b) conversation with a relative or companion, which is contrary to the ethical guidelines regarding the inherent secrecy of every human being. Medical care for the deaf person becomes a challenge for both the healthcare professional and the deaf person, since the use of verbal language does not exist and needs to be replaced by another communication mechanism. In addition, LIBRAS does not have several signs in the medical field, so that even with the presence of an interpreter or family member fluent in this language, part of the message is not decoded to satisfaction, which results in negative consequences in the care of this population. The purpose of this study is to investigate the perception of future nurses in relation to the knowledge and use of LIBRAS in their future profession. Although there is a sanctioned law that guides the inclusion of pounds in some courses, including the study participant course, the data obtained in this study allow us to observe the students' reflection on the difficulties faced in the nurse's professional environment in the care of the deaf, especially regarding the information provided by the patient and the understanding by the professional. This study stimulated the identification of problems in communication between the nurse and the deaf patient by nursing students, also pointing to the need for the elaboration of new curriculum guidelines essential to the education of nurses, from the point of view of social inclusion and improvement of care in nursing deafness perspective.

Keywords: Deafness. Nursing. Medical care. Health. Communication.

Introdução

De acordo com Organização Mundial de Saúde (OMS), conceitua-se saúde como sendo “*um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade*” (OMS, 2019). Contudo, dentro dessa perspectiva, a formação discursiva do profissional enfermeiro em seu cotidiano, se inclui principalmente em “*salvar vidas*”, em ações que possam reverter um estado de doença, promovendo, assim, a saúde (ROSA, SILVA, SOUZA, 2019).

Percebe-se que o bem-estar físico e mental são evidenciados nas práticas dos profissionais enfermeiros e sem, contudo, se eximir ou dissociar o reconhecimento do bem-estar social. Em outras palavras, o enfermeiro tem um compromisso inerente à sua profissão com a sociedade, o que deve ser constantemente reforçado durante sua formação acadêmica na universidade. O compromisso profissional é expresso como sendo o âmago das práticas sociais (ZOBOLI, SCHVEITZER, 2013; COFEN, 2007).

A ideia de uma qualidade social para muitos traduz, com bastante clareza, o que entendemos por uma sociedade menos excludente, apesar de também compreendermos que as práticas em saúde não podem ser responsabilizadas pelas mudanças das estruturas que determinam nossas desigualdades sociais. Por outro lado, entende-se que os profissionais de enfermagem, comprometidos com a população no que se refere à promoção em saúde e com a democratização do conhecimento e da assistência, podem contribuir efetivamente para a concretização dos direitos e das condições objetivas e necessárias às transformações efetivas na direção de uma qualidade social para todos (RAMOS; ALMEIDA 2017).

Assim, o presente estudo justifica-se pela experiência da autora em sua vivência profissional em identificar a falta de conhecimento e/ou desinteresse acerca do compromisso com o atendimento da comunidade surda pelos enfermeiros em seu local de trabalho e parte do princípio que, para contemplar um atendimento eficaz e de qualidade para esse público, se faz necessário uma comunicação clara, efetiva e preferencialmente direta com esses indivíduos. Comunicação esta que se torna ferramenta fundamental para realização de um atendimento de qualidade (SILVA, 2006; SILVA et al, 2017; SANTOS et al 2017).

Em evidência, a falta de qualificação profissional para atendimento de pacientes surdos denotava uma exclusão silenciosa e indiferente aos olhos da sociedade daqueles que, assim como todos, pagam seus impostos e merecem a mesma consideração que todos os outros cidadãos (RAIMUNDO, SANTOS, 2012; MESQUITA et al., 2018).

Incentivar e proporcionar um pensamento reflexivo em enfermeiros quanto ao apoio para ensino inclusivo, envolver enfermeiros nos processos de qualificação das equipes de enfermagem voltada para atendimento ao surdo, não é uma tarefa simples, embora necessária e urgente (MESQUITA et al., 2018; SANTOS et al, 2017). Mais do que preparar um grande número de profissionais, é necessário fazer que esses profissionais entendam que o comprometimento com a promoção em saúde vai além do cuidar, envolve também a qualidade social dos serviços em saúde, visando principalmente à inclusão social de atendimento médico a todos (RAIMUNDO; SANTOS, 2012).

De acordo com o Código de Ética do Profissional Enfermeiro (CEPE), em seu artigo segundo, é direito do enfermeiro “aprimorar seus conhecimentos técnicos, científicos e culturais que dão sustentação à sua prática profissional. ” O artigo quinze reforça que o enfermeiro tem o dever de ofertar uma assistência livre de preconceito de qualquer natureza (COFEN, 2007).

Sendo assim, apoiado pelo CEPE e pela Lei Federal 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, que reconhece a Libras como sistema linguístico da comunidade surda brasileira (BRASIL, 2005), o enfermeiro tem o direito e o dever de ter, em sua formação, o acesso à aprendizagem da Libras em um nível que permite contemplar de forma integral o atendimento e assistência continuada aos pacientes surdos.

Compreender as dimensões do cuidar, se comprometer com as necessidades específicas de cada um como ser único, faz com que o enfermeiro seja um agente transformador, que precisa evoluir quanto às necessidades primordiais de seus pacientes a serem plenamente atendidas, principalmente a comunicacional (Raimundo; Santos, 2012). Assim a busca pelo atendimento de qualidade do público surdo é uma meta real ainda a ser alcançada pelo profissional enfermeiro no sistema de saúde brasileiro (DA SILVA; BASSO; FERNANDES, 2014).

Revisão bibliográfica

Considerando que a temática deste trabalho envolve o profissional enfermeiro e suas atribuições no atendimento de pacientes surdos, se torna importante conhecer algumas definições legais envolvidas. Segundo o regulamento do exercício profissional do enfermeiro (REPE), Art. 4, n. °1, Decreto-Lei n.º 161/96, de 4 de setembro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 104/98, de 21 de abril:

[...] 1- Enfermagem é a profissão que, na área da saúde, tem como objetivo prestar cuidados de enfermagem ao ser humano, são ou doente, ao longo do ciclo vital, e aos grupos sociais em que ele está integrado, de forma que mantenham, melhorem e recuperem a saúde, ajudando-os a atingir a sua máxima capacidade funcional tão rapidamente quanto possível.

2- Enfermeiro é o profissional habilitado com um curso de enfermagem legalmente reconhecido, a quem foi atribuído um título profissional que lhe reconhece competência científica, técnica e humana para a prestação de cuidados de enfermagem gerais ao indivíduo, família, grupos e comunidade, aos níveis da prevenção primária, secundária e terciária.

3- Enfermeiro especialista é o enfermeiro habilitado com um curso de especialização em enfermagem ou com um curso de estudos superiores especializados em enfermagem, a quem foi atribuído um título profissional que lhe reconhece competência científica, técnica e humana para prestar, além de cuidados de enfermagem gerais, cuidados de enfermagem especializados na área da sua especialidade.

4- Cuidados de enfermagem são as intervenções autônomas ou interdependentes a realizar pelo enfermeiro no âmbito das suas qualificações profissionais [...] (COFEN, 2007)

Segundo Ramos e Almeida (2017), em um estudo sobre a construção do “ser Enfermeiro”, o profissional enfermeiro se constrói continuamente com dependência direta sobre o tempo, o local de trabalho, as relações diárias. Segundo o autor, a essência deste profissional inclui a capacidade de perceber e de expressar de forma sensível.

O enfermeiro tem papel essencial na sociedade e em toda trajetória do indivíduo, no processo doença saúde, bem como nos métodos preventivos e educacionais (COFEN, 2007). A enfermagem é uma profissão que vem visando não mais se apoiar em outras profissões. Segundo alguns autores, o enfermeiro não deve ser um profissional dependente do consentimento para realizar funções pertinentes a profissão, que deve ocorrer através de organização de processos de formação, aperfeiçoamento dos seus saberes e práticas, fundamentadas em paradigmas científicos. Com objetivo de produzir e disseminar o conhecimento, ele deve refletir sobre o avanço de fazer ciência em Enfermagem, contribuindo sobretudo para minimizar as desigualdades sociais (GUE MARTINE, 2009, SANTOS, 2017).

As práticas de enfermagem e processos de enfermagem se dá com base na Sistematização da Assistência em Enfermagem (SAE), em que é possível organizar e gerenciar os planos de cuidados, sendo o enfermeiro o pilar necessário para aplicação das diretrizes do (SUS) Sistema Único de Saúde. (CARDOSO, CALDAS, SOUZA, 2019; COFEN, 2007). Algumas das diretrizes do SUS pelo qual todos os profissionais de saúde devem se apoiar incluem: Universalidade, integralidade da assistência, preservação da autonomia, igualdade, direito à informação, divulgação de informações quanto ao potencial dos serviços de saúde (CARDOSO, CALDAS, SOUZA, 2019).

Considerando o atendimento do enfermeiro ao paciente surdo, Da Silva, Basso e Fernandes (2014) destaca e dá ênfase a importância da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) na formação acadêmica do enfermeiro. O que já acontece na escola de enfermagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Isto se dá porque este profissional é agente promotor à saúde, essencial na prestação à assistência, sendo a comunicação uma ferramenta primordial para qualidade e excelência no cuidar.

A comunicação ocorre no relacionamento entre pessoas possibilitando um conhecimento mais adequado em relação às emoções, sentimentos, opiniões, ocasionando e percebendo que esta interação nada mais é que o alicerce deste processo [...] (DA SILVA; BASSO; FERNANDES, 2014, p. 67)

Para se considerar a questão linguística envolvendo a surdez, é necessário entender conceitos como surdo e deficiente auditivo utilizados neste trabalho. Na literatura, observa-se que o termo “surdo” é às vezes entendido como preconceituoso e a expressão “deficiente auditivo” é apresentada como sendo mais adequada. Contudo, existe diferença entre esses termos principalmente na visão médica, que define esses indivíduos de forma geral como apresentando alguma malformação genética, lesão neurosensorial, ou interferência na condução do som pelo sistema auditivo, comprometendo assim a capacidade de ouvir, ou nasceu com audição e a perdeu decorrente de algum fator. Contudo, mais especificamente os surdos seriam aqueles sem qualquer capacidade de audição, enquanto os deficientes auditivos seriam aqueles que ouvem parcialmente com diferentes graus de audição, abaixo do ouvinte (RAIMUNDO; SANTOS, 2012).

Essas diferenças são identificadas inclusive nos discursos da educação especial se encontram presentes nas propostas de educação para surdos, explicitamente na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) e no Decreto Federal 7.611/2011 que, por sua vez, destoa do Decreto Federal 5.626/2005 quanto à concepção acerca das pessoas surdas. Os primeiros trabalham esta concepção dentro da perspectiva da deficiência, enquanto o último decreto parece conceber a pessoa surda dentro da perspectiva antropológica e cultural. Dentro deste contexto, se torna importante conhecer a proposta cultural para que se possa realizar o atendimento do paciente surdo, dentro do seu contexto histórico e cultural.

Materiais e métodos

Trata-se de um estudo quali-quantitativo, visto que visa trabalhar com valores, crenças, hábitos e opiniões (qualitativo) e por apresentar aspectos de realidade, com objetivo de trazer dados e indicadores (quantitativo) (SANTOS, 2017). Sendo um estudo de campo, apoiado por revisão bibliográfica e busca de artigos para embasar a justificativa e relevância da temática. Os dados foram coletados nas bases de dados SciELO, LILACS e IBECS, assim como no Google Acadêmico e em websites oficiais do Ministério da Saúde do Brasil, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Organização Mundial de Saúde (OMS). A partir dos descritores em ciências da saúde “Consulta de Enfermagem”, “Deficiência” e “Pessoas Surdas”, coletaram-se múltiplos e variados tipos de publicações, dentre elas artigos científicos, teses, dissertações, monografias e relatórios, sempre que possuísem, em seus títulos, no mínimo um dos descritores mencionados, bem como estivessem disponíveis, de forma gratuita e integralmente, na Internet.

Assim, a metodologia escolhida permite explorar meios de preencher lacunas, tendo como foco principal sensibilizar futuros enfermeiros no atendimento e assistência continuada a pessoas surdas. Durante todo planejamento foram considerados aspectos e especificidades de pacientes surdos e todas as didáticas aplicadas nesta pesquisa decorreram no período de novembro de 2017 a junho de 2018.

Todo estudo foi realizado na escola de enfermagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), cujo currículo atualmente somente bacharelado, inclui a Libras como disciplina eletiva. Participaram desta pesquisa 35 alunos do segundo período do curso de graduação de Enfermagem que cursavam a disciplina de Bioquímica.

No que se refere aos aspectos éticos, a coleta de dados foi feita dentro do Programa de Extensão *Escola de Inclusão* da Universidade Federal Fluminense (UFF) que tem como objetivo divulgar a inclusão nos diferentes níveis e espaços de ensino brasileiros. Os alunos participantes foram informados sobre a participação voluntária e as intenções da coleta, bem como o de que todos os dados obtidos seriam usados apenas para fins acadêmicos, omitindo sempre o nome dos participantes voluntários.

O questionário foi aplicado e seu preenchimento contou com a participação dos 35 graduandos do segundo período do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal Fluminense, apresentando faixa etária entre 19 e 25 anos de idade, incluindo três alunos com 31, 38 e 50 anos de idade.

As perguntas que compõem o questionário foram elaboradas de forma a possibilitar o conhecimento tanto de dados pessoais dos participantes, tais como idade e sexo e dados acadêmicos para auxiliar na elaboração da atividade proposta no segundo momento, além de seu conhecimento sobre a surdez e a Libras.

Resultados e discussões

As respostas dos 35 alunos voluntários foram analisadas de forma percentual (quantitativa) e conceitual (qualitativa) buscando identificar indicadores de mudança de conceito e sensibilização quanto a dificuldade de atendimento do paciente surdo e de sua situação de vulnerabilidade no acesso à saúde.

Para que o atendimento e assistência de enfermagem seja efetiva se faz necessário um conjunto de ações (ROSA, SILVA, SOUZA, 2019). Dentre essas ações, a que mais se destaca é a comunicação; uma vez que para todo e qualquer tipo de relacionamento é necessário que as partes compreendam umas às outras. Na área de saúde, não é diferente, visto que os profissionais de saúde trabalham com protocolos de segurança, justamente para minimizar erros e/ou sequelas. A Joint Commission International (2014) orienta o quanto necessário se faz uma comunicação clara e efetiva, com intuito vertical de minimizar erros e possíveis danos/sequelas irreversíveis.

Nesta pesquisa, a questão norteadora “*O atendimento da Enfermagem ao paciente surdo*” considera a importância de uma abordagem precoce no futuro enfermeiro em relação a surdez. Dito isso e baseada no que preconiza as metas internacionais de segurança, esse estudo foi produzido com objetivo de sensibilizar futuros enfermeiros na perspectiva da surdez, após identificar a barreira linguística existente no atendimento ao paciente surdo pelo enfermeiro (LIMA; LIMA, 2019).

Ao atender uma pessoa surda, o enfermeiro se depara com uma situação de dificuldade para estabelecer uma comunicação com o paciente se não dominar a LIBRAS, podendo tornar em catástrofe o atendimento. Conhecer as percepções e mitos dos futuros profissionais dessa área pode contribuir para o planejamento de ações e estratégias que possam minorar os possíveis déficits inerentes a formação do enfermeiro no atendimento deste público.

O preenchimento dos questionários contou com a participação de 35 graduandos (19-50 anos) do segundo período do Curso de Graduação em Enfermagem de uma universidade pública Brasileira. A análise do questionário permitiu identificar o perfil dos participantes nos mais diferentes indicadores. O estudo do perfil revelou que a maioria dos participantes foi do sexo e gênero feminino (92%), o que é uma característica dos cursos de graduação em enfermagem, segundo a literatura (BUBLITZ et al. 2015).

Em relação à Cor/Raça, 41% dos participantes se autodeclararam como sendo Branco, enquanto 46% como sendo Pardo ou Negro, o que está dentro dos índices do último Censo Demográfico realizado em 2010 considerando o território brasileiro com a maioria de declarando pardo ou preto (52%).

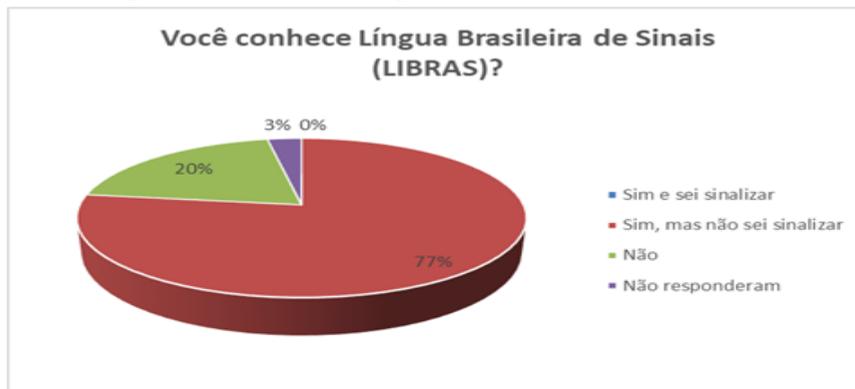
Em relação ao nível profissional dos participantes, sobre a realização de Curso Técnico, 88% dos participantes responderam não terem realizado qualquer curso, enquanto 9% responderam terem formação técnica, sendo os cursos citados: Tecnologia de Alimentos, Guia de Turismo e Eletrônica.

Quanto ao perfil linguístico, identificamos que a maioria dos participantes se auto declara como tendo fluência em pelo menos uma língua estrangeira (54%), enquanto 46% dos entrevistados relataram conhecer outras línguas, contudo, sem apresentar fluência.

Apesar da Libras ser uma língua brasileira oficial, a grande maioria do estudo que declara fluência, a possui para uma língua de outro país. Isso está em acordo com a literatura que fala sobre a ausência de ouvintes fluentes em Libras, a não ser que estes trabalhem como intérpretes ou professores de libras e/ou possuam parentes ou amigos surdos.

Em relação a Libras, apesar de apenas 2 alunos afirmarem conhecer essa língua sem fluência, 77% afirmaram que sim, porém sem saber sinalizar (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Perfil linguístico dos alunos de enfermagem participantes (n = 35) considerando a questão: “Você conhece Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)?”



Fonte: pesquisa realizada pela autora.

O curso de enfermagem desta universidade tem a disciplina de Libras como eletiva, sendo um curso que forma o profissional como Bacharel.

Quando questionados se sabem sobre o que é cultura surda, apenas 3% afirmaram saber do que se trata, porém, sem expor seu conhecimento a respeito, enquanto 97% dos participantes não tinha ideia de que de fato se tratava.

A frase “*nada sobre nós, sem nós*”, muito utilizada na área de inclusão, se refere exatamente a inadequação da criação de estratégias e materiais sem a participação das pessoas com deficiência ou necessidades educacionais especiais pelo desconhecimento de suas necessidades e/ou especificidades e cultura pelos ouvintes (SASSAKI, 2012).

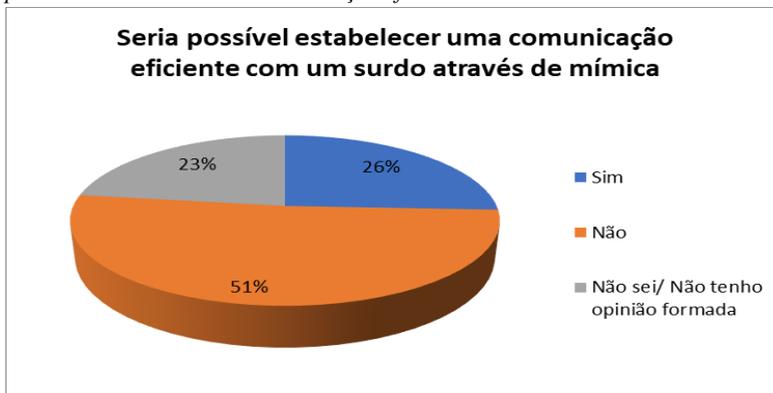
No sentido de saber sobre as concepções em relações os mitos envolvendo os indivíduos surdos, como a total compreensão da língua portuguesa, 94% dos alunos de enfermagem participantes afirmaram que todo surdo lê e/ou entende bem a língua portuguesa e somente 3% compreendem que eles não são fluentes no idioma português.

Embora a maioria dos entrevistados tenham afirmado que todo surdo apresenta fluência e/ou entendimento no português, diversas pesquisas revelam que isso é um mito, visto que a LIBRAS é uma língua visuo-gestual e primeira língua oficial dos surdos. Assim, nem todos os surdos são fluentes em português e vários possuem inúmeras dificuldades na leitura de sua forma escrita.

Apesar da falta de conhecimento sobre a Libras, sobre a cultura surda e as limitações linguísticas dos surdos quanto a língua portuguesa, existe um senso comum entre os alunos participantes sobre a impossibilidade de uma comunicação plena com surdo, através de mímica

(51%). Um número ainda significativo (26%) acha que é possível essa comunicação gestual enquanto 23% não sabe e/ou não tem opinião formada (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Respostas dos alunos de enfermagem participantes (n=35) em relação à pergunta: “É possível estabelecer uma comunicação eficiente com um surdo através de mímica?”



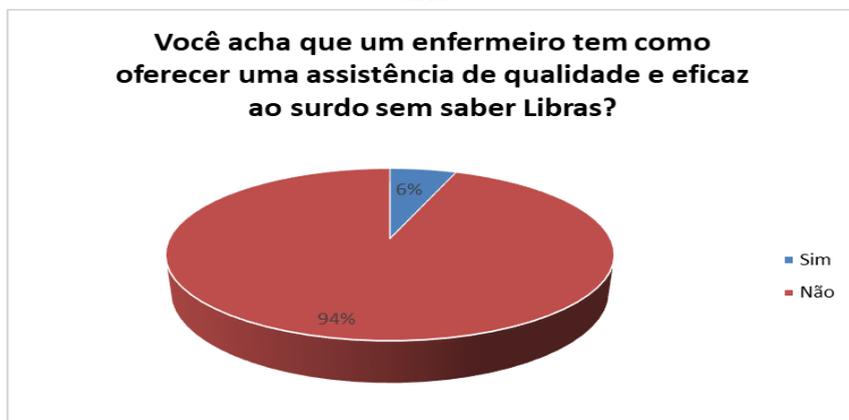
Fonte: pesquisa realizada pela autora.

Quanto ao atendimento ao paciente surdo por parte do enfermeiro, ao serem confrontados com situação real em relação à sua postura de atendimento, frente ao paciente surdo, como era de se esperar de alunos do segundo período, 59% não saberiam o que fazer. Como ocorre comumente na atualidade, 35% se reportaria ao familiar/acompanhante ouvinte (se houvesse) e 6% tentaria se comunicar através de mímica. Dos participantes, 70% dos participantes reconheceram que existe dificuldade para atender um paciente surdo, mas 30% não tinha ainda opinião formada sobre o assunto, não sabendo o que dizer.

Segundo a literatura, a barreira linguística inerente ao atendimento à pacientes surdos tornam prejudicado não somente o processo de atendimento, mas também a formação de vínculo, o diagnóstico e o tratamento (LIMA, LIMA, 2019).

Ao serem questionados sobre a possibilidade de oferta de assistência de qualidade a um paciente surdo sem o conhecimento de Libras, a maioria dos participantes (94%) reconheceu não ser viável, enquanto somente 6% afirmaram ser possível.

Gráfico 3 – Respostas dos alunos de enfermagem participantes (n=35) em relação a pergunta: “Um enfermeiro sem saber libras teria como oferecer uma assistência de qualidade e eficaz ao surdo?”



Fonte: pesquisa realizada pela autora.

A literatura sobre Libras afirma que, por ser a primeira língua do surdo, esta deve ser utilizada para uma melhor compreensão e acesso às informações de forma adequada e compreensível, sem erros de interpretação (SANTANA; BERGAMO, 2005). No caso da área de saúde, a ausência da Libras compromete ainda mais o acesso às atitudes preventivas e/ou de uso dos medicamentos, podendo comprometer de forma importante e até fatal a vida do paciente surdo. Em caso de doenças que possam causar algum constrangimento, o uso de terceiros pode agravar a situação ainda mais por mentiras ou omissão de situações e sintomas, dificultando ainda mais o atendimento pela ausência de privacidade (LIMA, LIMA, 2019).

Ao serem questionados sobre a possibilidade de oferta de assistência de qualidade a um paciente surdo sem o conhecimento de Libras, os participantes levaram em maior consideração o lado profissional “*que, por questões legais, precisam oferecer uma assistência de qualidade a todos*”, não levando a Libras para o centro da discussão. Assim, 46% afirmaram que é possível prestar assistência sem saber Libras, 37% afirmaram não ser possível tal atendimento e, 17% não sabem informar.

A literatura fala sobre a importância da participação/acesso ao intérprete na vida do surdo sinalizante (CHAVEIRO et al. 2010), contudo, na situação do atendimento do paciente surdo sua privacidade e sigilo não são garantidos.

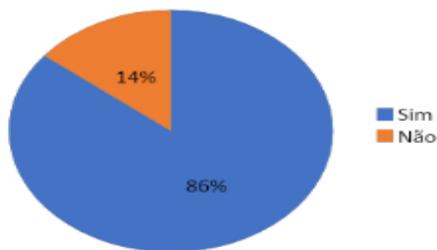
Sobre a relevância da disponibilização de intérpretes nas instituições de saúde para o atendimento ao paciente surdo, foi unânime a resposta de que seria interessante (100%), evidenciando a preocupação pelo desconhecimento da Libras.

Após diversas leituras, pesquisa e revisões bibliográficas, foi possível identificar a barreira linguística como fator prejudicial no atendimento aos surdos. Sendo assim, Oliveira (2019) entende que a presença de um intérprete de libras à disposição do serviço de inclusão, seria uma medida a curto prazo para atender esse público.

Ao serem indagados sobre se haveria um desinteresse por parte dos profissionais de saúde acerca da acessibilidade do paciente surdo, a maioria concordou que os profissionais estariam desinteressados (86%) (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Respostas dos alunos de enfermagem participantes (n = 35) em relação à pergunta: “O profissional de saúde estaria desinteressado pela acessibilidade ao surdo?”

O profissional de saúde estaria desinteressado pela acessibilidade ao surdo?

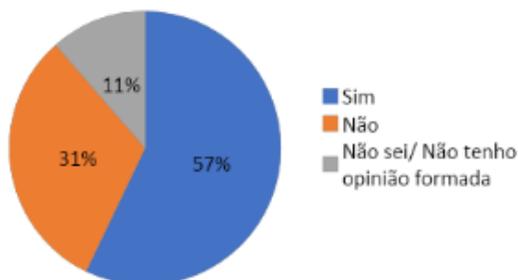


Fonte: pesquisa realizada pela autora.

A afirmação de que a obrigatoriedade de uma disciplina de Libras (30 horas) nos currículos dos cursos na área de saúde resolveria o problema foi a opinião da maioria dos participantes (57%), em contraste com 31% que discordaram dessa opinião.

Gráfico 5 – Respostas dos alunos de enfermagem participantes (n = 35) em relação à pergunta: “A obrigatoriedade de uma disciplina de Libras (30 horas) aos cursos na área de saúde resolveria o problema?”

A obrigatoriedade de uma disciplina de Libras (30 horas) aos cursos na área de saúde resolveria o problema?



Fonte: pesquisa realizada pela autora.

Provavelmente, estes que discordaram talvez estejam considerando que apenas uma disciplina não irá garantir a fluência necessária para a demanda em questão.

A Libras é uma língua, e como toda língua requer estudo de teoria e prática para seu melhor aproveitamento (SANTANA; BERGAMO, 2005).

Diante deste contexto, a oferta de uma disciplina com carga horária de 30 horas deveria ser considerada apenas como um contato introdutório do aluno com a Libras, necessitando de outras disciplinas de continuação (ex: Libras II, III...) durante o curso de formação destes profissionais. Outro fator a ser levado em consideração é a carência de sinais para a área de saúde, o que requer ainda mais dedicação e estudo por parte dos alunos em formação na área de saúde, como os enfermeiros.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estipula metas internacionais hospitalares de segurança do paciente na tentativa de nortear e minimizar erros durante o atendimento e assistência continuada, sendo a segunda meta a “Comunicação efetiva”, no intuito de estabelecer uma comunicação clara e direta entre profissionais multidisciplinares, e profissionais com pacientes (OMS, 2019).

Dentre os motivos que contribuem as dificuldades encontradas para o estabelecimento da Meta 2 (comunicação efetiva), como esperado, a maioria dos participantes apontou estar relacionada a dificuldade de comunicação (54%), profissional e paciente não se utilizarem do mesmo meio de comunicação, enquanto 16% relataram estar relacionado ao desconhecimento acerca do assunto.

Considerações finais

A realidade sobre a acessibilidade da comunidade surda à saúde, atendimento médico e ações preventivas ainda se trata de uma exclusão fria e silenciosa (LIMA, LIMA, 2019; CASTRO et al 2020; VIEIRA, BRITO, FERNANDES, 2021), ainda invisível aos olhos da sociedade e que não deve ser perpetuada na formação do enfermeiro. A COVID-19, pandemia mundial causada pelo vírus SARS-CoV-2 que, só no Brasil, já causou mais de 600 mil mortes (MILHORANCE, 2021, OMS, 2019) veio iluminar essa demanda de forma trágica, considerando, por exemplo, a existência de inúmeros sinais para essa pandemia, mostrando uma realidade linguística que põe e ainda põe em risco essa população (CASTRO et al., 2020; FORTE, PIRES 2020). Claramente a situação atual demanda um processo de formação dos profissionais de saúde, em especial o enfermeiro que se encontra próximo a esse público, que deva ser dinâmico e melhorado de forma contínua, no sentido de garantir o acesso pleno ao direito a saúde por parte dessa comunidade (REIS; SANTOS, 2019).

No presente estudo, a investigação sobre as percepções dos acadêmicos permitiu identificar que, em sua maioria nos aspectos mais relevantes, os alunos conheciam Libras, porém, não tinham fluência e não faziam ideia de como seria um atendimento de enfermagem para pacientes surdos. Esse resultado está em acordo com a literatura recente, como os trabalhos descritos por Nascimento, Oliveira e Oliveira (2020), Lima e Brito-Neto (2021) e Vieira, Brito e Fernandes (2021) que reportam enfermeiros que, por não saberem LIBRAS, relataram problemas no atendimento de seus pacientes surdos. De forma preocupante, o ensino de Libras de forma fluente não faz parte da maioria dos currículos acadêmicos de formação dos enfermeiros, se mantendo no nível básico, isso quando presente, sendo essa questão geralmente

invisível e/ou ignorada, quando se discute a formação desses profissionais (CARVALHO et al, 2020).

Ainda quanto às limitações do atendimento ao paciente surdo, podemos concluir que o grupo analisado em nosso trabalho acreditava no mito de que todo surdo sabe o português escrito, mas foram capazes de reconhecer a dificuldade do atendimento do surdo sem o conhecimento da Libras. Neste contexto, estratégias utilizadas para a formação do enfermeiro visando uma melhoria profissional são descritas na literatura (SILVA et al., 2020), inclusive com temáticas envolvendo a Libras (DA SILVA et al., 2021, SILVA et al 2021).

Considerando este cenário de tanta importância no atendimento da comunidade surda que ainda demanda por uma melhor formação de nossos profissionais de enfermagem, o presente trabalho visou contribuir, ao descrever este estudo com a nossa estratégia didática, para que, no futuro, os enfermeiros tenham um comportamento proativo na sua prática profissional, buscando oferecer o melhor atendimento ao seu paciente surdo. A partir do uso de estratégias de comunicação que melhorem o atendimento profissional e linguístico para essa comunidade, o enfermeiro pode viabilizar, além do acesso a melhoria da saúde destes pacientes, principalmente, a sensação de acolhimento nesse momento tão delicado e de fragilidade, que se trata quando a saúde de qualquer um de nós está em risco.

Referências

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. **Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>>. Acesso em 22 set. 2019.

BUBLITZ, Susan; *Laura de Azevedo Guido; Raquel Soares Kirchhof; Eliane Tatsch Neves; Luis Felipe Dias Lopes*. Perfil sociodemográfico e acadêmico de discentes de enfermagem de quatro instituições brasileiras. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. 1, p. 77-83, jan./mar. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.01.48836>>. Acesso em: 1 ago. 2019.

CARDOSO, Rosane Barreto; CALDAS, Célia Pereira; SOUZA, Priscilla Alfradique de. Uso da Teoria do Conforto de Kolcaba na implementação do processo de enfermagem: Revisão Integrativa. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, on line, v. 8, n. 1, p. 1148-128, jan./jul. 2019. Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/2758>>. Acesso em: 1 ago. 2019.

CARVALHO, Gilson. **Construindo o Sus e a municipalização**. Editora Moderna: 2019.

Amanda Cordeiro Lima; Cesar Gomes de Freitas;
Cristina Lavoyer Escudeiro; Cristina Maria Carvalho Delou;
Helena Carla Castro.

CASTRO, Helena Carla; RAMOS, Alex Sandro Lins; AMORIM, Gildete; RATCLIFFE, Norman Arthur. COVID-19: don't forget deaf people. **Nature**, [S.l.], v. 579, n. 7799, p. 343. Mar.2020 doi: 10.1038/d41586-020-00782-2.

LIRA, Ana Luisa Brandão de Carvalho; ADAMY, Edlamar Kátia; TEIXEIRA, Elizabeth; SILVA, Francisca Valda da. Educação em enfermagem: desafios e perspectivas em tempos da pandemia COVID-19. **Rev. Bras. Enferm.**, [S.l.], v. 73, n. 2, s.p., 2020. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0683>

CHAVEIRO, Neuma; BARBOSA, Maria Alves; PORTO, Celmo Celeno; MUNARI, Denise Bouttelet; MEDEIROS, Marcelo; DUARTE, Soraya Bianca Reis. Atendimento à pessoa surda que utiliza a língua de sinais, na perspectiva do profissional da saúde. **Revista Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 639-645, out./dez. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/20359/13520>>. Acesso em: 10 maio 2018.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM – COFEN. **Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem**. Rio de Janeiro, 8 de Fevereiro de 2007.

DA SILVA, Paulo Sergio; BASSO, Neusa Aparecida de Sousa; FERNANDES, Sônia Regina Chaves Martines. A enfermagem e a utilização da língua brasileira de sinais no atendimento ao deficiente auditivo. **Revista Uningá Review**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 2178-2571, jan. 2014. Disponível em: <<http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/1488>>. Acesso em: 22 set. 2019.

DA SILVA, Andreia Borges; BRITO, Gabriela de Abreu; POIAVA, Júlia da Silva; BARBOSA, Vanessa Nunes; FARIAS, Helena Portes Sava de. Capacitação do enfermeiro na língua brasileira de sinais. **Epitaya E-Books**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 19-26, 2021. DOI: 10.47879/ed.ep.2021229p19. Disponível em: <<https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/76>>. Acesso em: 1 ago. 2019.

FORTE, Elaine Cristina Novatzki; PIRES, Denise Elvira Pires de. Os apelos da enfermagem nos meios de comunicação em tempos de coronavírus. **Rev. Bras. Enferm.** v. 73, n. 2, s.p., 2020. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0225>

GUE MARTINI, Jussara. O papel social da pesquisa em enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 3, p. 340, maio/jun. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000300001>>. Acesso em: 9 abr. 2019.

LIMA, Estherfane Ribeiro de; BRITO NETO, Geraldo José de. **A percepção do enfermeiro na assistência de enfermagem ao paciente surdo na atenção primária à saúde**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Centro Universitário Tiradentes, Maceió, 2021. <http://openrit.grupotiradentes.com:8080/xmlui/handle/set/3723>

LIMA, Rafael Faria; LIMA, Rafaella Fernanda de Farias. Comunicação com o deficiente auditivo: dificuldades na prática do profissional da saúde. **Gep News**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 375-382, 2019.

Amanda Cordeiro Lima; Cesar Gomes de Freitas;
Cristina Lavoyer Escudeiro; Cristina Maria Carvalho Delou;
Helena Carla Castro.

MESQUITA, Claudiane Lima de; FERREIRA, Poliana Patricia Marques; ZAIA, Virgínia. **Revisão integrativa da literatura sobre as formas de comunicação utilizadas na assistência do enfermeiro ao paciente surdo**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) – Faculdade Integrada de Pernambuco – Recife, 2018.

MILHORANCE, F. Brazil's Covid-19 death toll passes 600,000. **The New York Times**, s.p., Oct. 9, 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/10/09/world/americas/covid-brazil-600000-dead.html>>. Acesso em: 4 abr. 2019.

NASCIMENTO, Bianca Damasceno; OLIVEIRA, Daniel de Souza; OLIVEIRA, Thiago Lemes de. “Tenho um paciente surdo, e agora?”: guia para atendimento e anamnese em acolhimento de enfermagem/ “I have a deaf patient, now what?”: guide for attendance and anamnesis in nursing consultation. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 4, s.p., jul./aug. 2020.

OLIVEIRA, Jair de. Análise da produção científica com a temática inclusão no ensino superior: reflexões sobre artigos publicados no período de 2016 a novembro de 2018. **Revista Educação Especial**, v. 32, s.p., 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/36198>>. Acesso em: 1 ago. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Documentos básicos**. 36 ed. Genebra: OMS, 2019.

RAIMUNDO, R. J. S.; DOS SANTOS T. A. A importância do aprendizado da comunicação em libras no atendimento ao deficiente auditivo em serviço de saúde. **Revista UNIARAGUAIA**, [S.l.], v. 3, n. 3, p. 184-191, out. 2012. Disponível em: <<http://www.fara.edu.br/sipe/index.php/REVISTAUNIARAGUAIA/article/view/126>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

RAMOS, Tâmara Silva; ALMEIDA, Maria Antonieta Pereira Tigre. A importância do ensino de libras: relevância para profissionais de saúde. **ID on line. Rev. De Psic.**, [S.l.], v. 10, n. 33, p. 116-126, dez. 2016. Disponível em: <<Http://Idonline.Emnuvens.Com.Br/Id>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

REIS, Vânia de Santana Lima; SANTOS, Adriano Maia dos. Knowledge and experience of family health team professionals in providing healthcare for deaf people. **Rev. CEFAC**, Bahia, v. 21, n 1, p. 1-8, e. 5418, 2019 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216/20192115418>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

ROSA, Edmilson Fernandes; SILVA, Sebastião Andrade e; SOUZA, Danielle Galdino de. Assistência de enfermagem humanizada em emergências traumáticas: uma revisão bibliográfica. **Revista Recien – Revista Científica de Enfermagem**, [S.l.], v. 9, n. 25, p. 11-17, mar. 2019.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. Plexus Editora, 2019.

Amanda Cordeiro Lima; Cesar Gomes de Freitas;
Cristina Lavoyer Escudeiro; Cristina Maria Carvalho Delou;
Helena Carla Castro.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, s.p., maio/ago. 2005. Disponível em: <[Http://Artificialwww.Redalyc.Org/Articulo.Oa?Id=87313716013](http://Artificialwww.Redalyc.Org/Articulo.Oa?Id=87313716013)>. Acesso em: 13 nov. 2017.

SANTOS, Elis Regina Alves dos. **Linguagem científica escrita**: percursos de apropriação e suas relações com a cultura científica. 2017. Tese (Doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2017.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Causa, impedimento, deficiência e incapacidade, segundo a inclusão. **Revista Reação**, São Paulo, ano XIV, n. 87, jul./ago. 2012.

SILVA, Maria Júlia Paes. **Comunicação tem remédio**: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 4. Ed. São Paulo: Loyola, 2006.

SILVA, Maria Vitória Ribeiro da; SILVA-FILHO, José Adelmo da; SILVA, Helvis Eduardo Oliveira da; SILVA, Roger Rodrigues da; PIN, Antonio Germane Alves. Nonverbal communication strategies in nursing care for deaf people: integrative review. **Revista Paranaense de Enfermagem (REPENF)**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 63-72, jan./dec. 2021.

SILVA, Rafael Pires; CAMACHO, Alessandra Conceição Leite Funchal; SILVA, Marcos Aurélio Pinto da; MENEZES, Harlon França de. “Strategies for the use of active methodology in the training of nursing academics: experience report”. **Research, Society and Development**, [S.l.], v. 9, n. 6, 2020. Disponível em: <<https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3543>>. Acesso em: 22 mai. 2019.

SILVA, Vladimir Araújo da; SILVA, Rita de Cássia Frederico; CABAU, Núbia Carla Ferreira; LEÃO, Eliseth Ribeiro; SILVA, Maria Júlia Paes da. Effects of sacred music on the spiritual well-being of bereaved relatives: a randomized clinical trial. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 51, p. 1-8, 2017.

VIEIRA, Kamila Araujo; BRITO, Fabrícia Corrêa de; FERNANDES, Marcos Vinicius Costa. O cenário da assistência de enfermagem frente aos pacientes surdos: revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S.l.], v. 13, n. 5, maio 2021. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/744>>. Acesso em: 13 out. 2021.

ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone; SCHVEITZER, Mariana Cabral. Valores da enfermagem como prática social: uma metassíntese qualitativa. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. São Paulo, v. 21, n. 3, p. 8, maio/jun. 2013.